

A Última Guerra na América do Sul: o êxito equatoriano no conflito do Cenepa sob os fundamentos da teoria da guerra de Clausewitz

The Last War in South America: Ecuadorian success in the Cenepa conflict under the foundations of Clausewitz's theory of war

RESUMO

O presente trabalho se propõe a apresentar o sucesso equatoriano na última guerra interestatal ocorrida na América do Sul, entre o Equador e o Peru, sob a ótica da Teoria da Guerra de Carl Von Clausewitz. Sendo assim, identificam-se alguns dos princípios da citada Teoria com aderência no conflito do Alto Rio Cenepa e, ainda, apontados alguns ensinamentos colhidos, particularmente no cenário sul-americano e amazônico, com interesse às Ciências Militares. O trabalho ganha importância ao abarcar o entorno estratégico brasileiro. A pesquisa se apoia em bibliografias e relatórios de instituições voltadas para assuntos de Defesa, visando amparar os conhecimentos e fortalecendo os estudos nas áreas afins.

Palavras-chave: Cenepa. América do Sul. Teoria da Guerra. Clausewitz. Operações na Selva.

Carlos Henrique Arantes de Moraes

Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Email: chdemoraes@gmail.com

ORCID:

<https://orcid.org/0000-0002-9323-6228>

Received:	07 Jan 2024
Reviewed:	Jan/Abr 2024
Received after revised:	17 Dec 2024
Accepted:	23 Dec 2024



RAN

Revista Agulhas Negras

ISSN online 2595-1084

<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/aman>



<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

ABSTRACT

The objective of this paper is to present Ecuador's success in the last interstate war that occurred in South America, between Ecuador and Peru, from the perspective of Carl Von Clausewitz's Theory of War. Thus, certain principles of the aforementioned theory that align with the conflict in the Upper Cenepa River region are identified, along with key lessons learned, particularly in the South American and Amazonian context, with relevance to Military Sciences. The study gains significance by addressing Brazil's strategic environment. The research is based on bibliographies and reports from institutions focused on defense matters, aiming to support knowledge and strengthen studies in related fields.

Keywords: Cenepa. South America. Theory of War. Clausewitz. Jungle Operations.

1 Introdução

Há cerca de três décadas ocorreu a última beligerância interestatal no subcontinente sul-americano, o conflito do Alto Rio Cenepá, na região da fronteira entre o Equador e o Peru. Embora a América do Sul apresente características pacíficas, quando comparadas com outras regiões (Battaglino, 2012), não se pode negar seu histórico de conflitos fronteiriços.

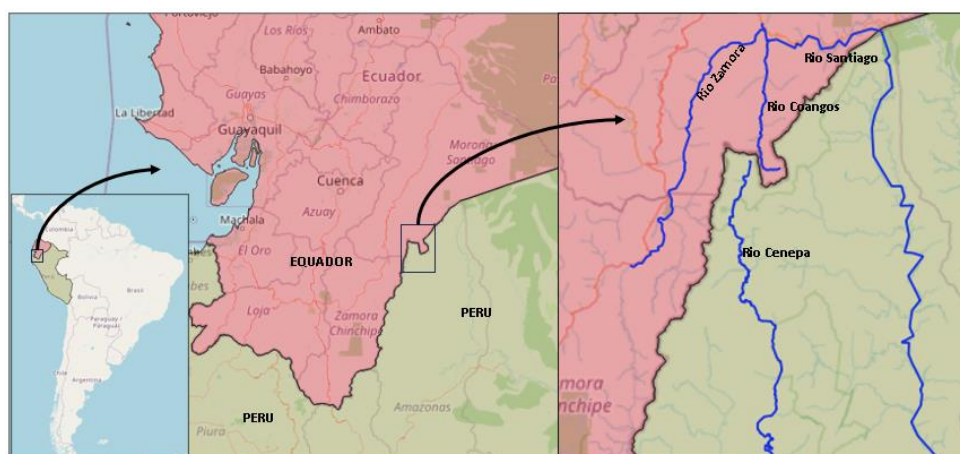
Conforme Franchi *et al* (2017) argumenta, os problemas fronteiriços são o cerne dos conflitos na América do Sul. Nesse mesmo íterim, Domínguez (2003) corrobora e chama a atenção para esses conflitos fronteiriços.

¹ As disputas interestatais mais graves envolvendo países latino-americanos ou caribenhos no último terço do século XX estiveram diretamente relacionadas com conflitos fronteiriços ou territoriais (Domínguez, 2003, p. 19, tradução nossa).

As discussões entre Equador e Peru relativas a 78 km de fronteiras em uma área inóspita, assumiu uma tônica relativamente comum no continente; ultrapassaram o campo diplomático e ratificaram os pensamentos do teórico Carl Von Clausewitz, de que a guerra é a continuação da política de forma mais violenta (Clausewitz, 1984[1832]).

O cenário do conflito fica ao Sudeste do Equador e ao Centro-Norte do Peru, numa região de floresta primária, localizada entre os rios Zamora e Santiago, com os rios Cenepá e Coangos demarcando a área (Yépez, 2014).

Figura 01 – Região do conflito do Cenepá



Fonte: Elaborado pelo autor

¹ Texto original: *Las más graves disputas interestatales que implican a países latinoamericanos o caribeños en el último tercio del siglo veinte estuvieron directamente relacionadas con conflictos limítrofes o territoriales.*



Não obstante, a região apresenta as riquezas de biodiversidade e recursos minerais encontrados ao longo de toda a hileia tropical amazônica, caracterizando atrativos para qualquer Estado Nacional.

A polêmica surge a partir das linhas definidas pelo Protocolo do Rio de Janeiro, de 1942, que suscitaram dúvidas por ocasião de sua materialização (Barroso, 2007), muito disso pela distância, mas também pelo pouco conhecimento amiúde da região, conforme conta Domínguez:

² Durante muito tempo, as florestas tropicais em partes da América do Sul e Central, e a topografia montanhosa em outros lugares, dificultaram a demarcação física das fronteiras. Mapas imprecisos têm feito parte da história de conflitos reemergentes, nomeadamente entre o Equador e o Peru (Domínguez, 2003, p.28, tradução nossa).

Ademais, pode-se identificar na Guerra do Cenepa as peculiaridades da América do Sul, ao se tratar de conflitos na região, caracterizados como curtos e moderados (Franchi *et al*, 2017). Portanto, as características dos conflitos sul-americanos suscitam o emprego de forças e logística reduzidas em combate efetivo, limitados na duração (Núñez, 2002). Cenários esses identificáveis na Guerra do Cenepa.

O presente artigo tem por objetivo fundamentar o êxito equatoriano na Guerra do Cenepa sob a ótica dos fundamentos da Teoria da Guerra, de Carl Von Clausewitz. Além disso, há de se destacar que a ocorrência do conflito foi inteiramente no interior da região amazônica, local de prioridade para os assuntos de Defesa Nacional do Brasil (Moraes *et al*, 2020). Por esse motivo, mesmo não sendo o primordial objetivo desse trabalho, por algumas vezes são identificados relevantes apontamentos que fortalecem a forma de atuação doutrinária do Exército Brasileiro na Amazônia.

Atendendo ao objetivo desse artigo, a próxima sessão apresentará o percurso metodológico trilhado. Após isso, serão identificados alguns dos conceitos da Teoria da Guerra *clauswitziana* e apresentados aspectos do conflito do Alto Cenepa, a fim de possibilitar a apresentação dos pontos de aderência entre o conflito e os conceitos citados pelo teórico prussiano, permitindo fundamentar as ações equatorianas por meio da teoria em tela. Antes da conclusão, será discutida uma sessão dos resultados apresentados no referencial teórico.

² Texto original: *Por largo tiempo, los bosques pluviales tropicales en partes de Sudamérica y Centroamérica, y la topografía montañosa en otras partes, dificultó la demarcación física de las fronteras. Mapas inexactos han sido parte de la historia de la reaparición de conflictos, notablemente entre Ecuador y Perú.*



2 Percurso metodológico

A perspectiva metodológica do presente trabalho possui uma abordagem qualitativa. Assim sendo, as técnicas que foram utilizadas buscaram enriquecer e fundamentar os tópicos a serem discutidos no âmbito da pesquisa, explorando a bibliografia com fontes baseadas em manuais, revistas, artigos e coleta de dados na internet.

Um estudo qualitativo se faz por meio de pesquisas históricas, descritivas, explicativas, bibliográficas e/ou documentais (Vergara, 2009). Nesse caso, o caráter histórico e bibliográfico do presente estudo buscou conhecimentos já existentes nas diferentes bibliografias do conflito ocorrido no Alto Rio Cenepa, alinhando-os com a Teoria da Guerra de Clausewitz, particularmente no livro “Da Guerra” (Clausewitz, 1984[1832]), a fim de apresentar a aderência da teoria com o conflito bélico.

Essa discussão permitiu fortalecer os fundamentos da Teoria da Guerra sob a ótica do militar e pensador prussiano Carl Von Clausewitz ainda nos conflitos atuais e, particularmente na América do Sul, região identificada, por alguns estudiosos, como pacífica. Dessa forma, a apresentação dos resultados obtidos permitiu ratificar a essência da Guerra e sua aplicabilidade na atual Doutrina Militar Terrestre, particularmente no Brasil.

O recorte temporal da pesquisa tem como foco a última década do século XX, quando ocorreu o conflito bélico. Mesmo assim, ressalta-se o caráter atual do trabalho pelas disputas territoriais ainda em curso no continente sul-americano, como a Questão de Essequibo, entre a Guiana e a Venezuela (Padula *et al*, 2023).

3 Referencial teórico

3.1 Aspectos da Teoria da Guerra de Carl Von Clausewitz

Segundo Clausewitz (1984[1832]), a guerra constitui um confronto armado de duas unidades que buscam disputar um interesse comum, sendo, portanto, “um ato de força para obrigar o nosso inimigo a fazer a nossa vontade” (Clausewitz, 1984[1832], p 75). Ou seja, a política, ao estabelecer as condições de como a guerra será travada, se mostra em um nível condutor de maior hierarquia. Nesse contexto, “a guerra é meramente a continuação da política por outros meios” (Clausewitz, 1984[1832], p. 91). Sob essa ótica, a guerra é um instrumento da política.

Em que pese a citação de Clausewitz (1984[1832]) possuir mais de um século, Lind e Thiele (2015), durante o estudo da guerra mais contemporânea, comprovaram a importância dessa relação entre a Guerra e a Política. Os autores acrescentaram, ainda, que as Forças Militares do Estado devem compreender a cultura local, a integração com a população e um desenvolvimento de um sistema de



inteligência capacitado, tudo isso para alcançar uma consciência situacional do ambiente político que opera.

Com efeito, um conceito de suma importância no qual Clausewitz tornou o ato prático da guerra em teoria foi a trindade. Segundo o teórico, a tendência é que uma atividade belicosa entre Estados possua três vertentes e as retas que unem esses pontos formem a trindade *clausewitziana*: 1) a violência, ódio e inimizade; 2) o acaso e a probabilidade; e 3) a razão e a política (Clausewitz, 1984[1832]).

Para Clausewitz, a trindade é:

[...] composta da violência, do ódio e da inimizade primordiais, que devem ser vistos como uma força natural cega, do jogo do acaso e da probabilidade, no qual o espírito criativo está livre para vagar; e dos seus elementos de subordinação, como um instrumento da política, que a torna sujeita apenas à razão. O primeiro desses três aspectos diz respeito principalmente às pessoas; o segundo ao comandante e ao seu exército; o terceiro ao governo (Clausewitz, 1984[1832], p. 93).

Segundo Bassford (2007), a trindade de Clausewitz permite ordenar a confusão de ideias, aplicando-as de forma útil e comparativa à história do mundo, bem como suas realidades existentes. Portanto, os três pontos abordados podem ser identificados nas diferentes e mais complexas sociedades, independente de suas formas ou regimes de hierarquização interna.

Com o propósito de facilitar o entendimento de sua teoria, o teórico prussiano relaciona as vertentes de sua Trindade a possíveis atores presentes em uma guerra, buscando contextualizá-las. Para Clausewitz (1984[1832]), as paixões que serão inflamadas na guerra são inerentes às pessoas, nesse caso a população. A liberdade de ação que o jogo de coragem e talento desfrutará na esfera da probabilidade e do acaso dependerá do grau de profissionalismo e preparo do comandante e das Forças Armadas. Por fim, os propósitos políticos são de responsabilidade do governo.

Batista Júnior *et al* (2021) entenderam que as ligações entre esses atores – ou vértices – são subsistemas que explicam todo o sistema trinitário. Esse entendimento pormenorizado e mais aguçado das interações entre atores irá permitir melhores condições em teorizar a guerra. Conforme consta na figura 02, as interações entre os atores são os lados que unem os vértices do triângulo.

Figura 02 – A trindade de Clausewitz com seus atores e suas interações



Fonte: Batista Júnior *et al*, 2021

Dessa feita, a interação entre Governo e Sociedade se materializa com a opinião pública consentindo a política adotada pelos dirigentes e, por outro lado, como as ações políticas traduzem as respostas esperadas pela Sociedade. Já a interação entre Governo e Forças Armadas se concretiza no entendimento das capacidades militares em atingir os objetivos políticos desejados. Por fim, a interação entre Forças Armadas e a população se representa por meio da influência mútua entre os atores.

A Trindade *Clausewitziana*, composta por fundamentos perenes, seria assim aplicável e identificável em uma variedade infinita de conflitos, a teoria do pensador prussiano ainda contribui para as guerras da atualidade (Schuurman, 2011). Os elementos da Trindade *Clausewitziana*, em razão da variedade das relações que estabelecem entre si, são capazes de descrever infinitas situações de conflito, seja qual for a forma assumida pela guerra, permitindo sua utilização como base de estudo e comparação em qualquer tempo.

Outro conceito relevante na Teoria da Guerra de Clausewitz é o de Centro de Gravidade. Entendido como o ponto central de todo o poder e movimento, do qual tudo depende, sendo, pois, contra esse ponto que todas as energias devem ser dirigidas, para a obtenção de resultados decisivos e exitosos nas operações (Clausewitz, 1984[1832]).

Sumida (2008) destaca que Clausewitz, ao abordar o conceito de Centro de Gravidade, ensina que esse Centro pode ser o exército inimigo, a capital do Estadopositor, as lideranças e, até mesmo, a população, em caso de guerras de guerrilha. Isso não desqualifica o emprego da teoria *clauswitziana* nos conflitos contemporâneos.



Destaca-se que a atual doutrina brasileira de operações terrestres adota a identificação do centro de gravidade do inimigo como uma das linhas mestras para a condução da campanha e para a conquista dos objetivos militares e políticos definidos, permitindo a consolidação do estado final desejado (Brasil, 2020).

Neiva Filho (2009) argumentou a respeito do conceito de Operações Baseadas em Efeitos e o peso do conceito *clausewitziano* de Centro de Gravidade para as operações na adoção pelo Exército Brasileiro, pelo exército dos Estados Unidos da América (EUA) e pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), atestando e demonstrando a sua aplicabilidade por Forças Armadas ocidentais.

Em síntese, as ideias tratadas neste artigo, que fundamentam a Teoria da Guerra de Clausewitz, são que a guerra tem que contribuir para o alcance dos propósitos políticos. Destaca-se, ainda, a trindade *clausewitziana* como a principal contribuição para a teoria da guerra, sendo possível entender o fenômeno da guerra ao conjugar um equilíbrio claro dos atores envolvidos em suas vertentes e, ainda, as interações que ocorrem entre esses atores. Já o centro de gravidade é uma das linhas mestras para a condução da campanha e para a conquista dos objetivos militares e políticos definidos, permitindo a consolidação do estado final desejado.

3.2 O histórico conflituoso entre Equador e Peru

A história das relações entre Equador e Peru é carregada de acontecimentos que marcaram profundamente a desconfiança de ambas as nações. O conflito de 1995 é resultado da complexidade dessas conturbadas relações estabelecidas pelos dois países desde os primeiros passos como nações independentes (Nogueira e Herz, 2001).

Desde o ano de 1830, com o desmembramento da Grã Colômbia, o Estado equatoriano herdou o território austral colombiano, fronteiro com o Peru (Valencia, 1993). Dessa forma, os conflitos territoriais entre os dois contendores são heranças de uma divisão confusa desde a existência do Equador como Estado Nacional. Os desentendimentos fronteiriços entre Equador e Peru perduraram até o final do século passado.



Tabela 01 – Eventos conflitantes fronteiriços entre Equador e Peru

PERÍODO	EVENTO
1830	Logo após a independência, o governo equatoriano negocia a exploração de territórios na bacia amazônica por dívidas com credores britânicos, gerando reclamações peruanas.
1857	Em retaliação, o Peru realizou um bloqueio marítimo do porto de Guayaquil, exigindo a revogação do acordo com os britânicos sobre aquela região.
1860	Em estado de guerra civil, Guilherme Franco, então governador de Guayaquil, afirma ter o controle do país equatoriano e assina com o Peru o Tratado de Mapasingue, cedendo as reivindicações peruanas.
1861	Gabriel Garcia assume o governo equatoriano após uma guerra civil e anula o Tratado de Guilherme Franco com o governo peruano.
1932 e 1933	O Conflito de Letícia entre Colômbia e Peru gera, por parte da Colômbia, o reconhecimento dos direitos peruanos sobre territórios que o Equador reivindicava como sendo seus.
1936	Os dois governos assinam um acordo entre si reconhecendo territórios em posse de fato por cada país.
1938	Começam a ocorrer movimentos militares menores, de ambos os lados, contrário ao acordo de 1936.
1941	Ocorre a Guerra peruano-equatoriana, também conhecida como a Guerra de 1941.
1942	Assinatura do Protocolo do Rio de Janeiro, colocando fim à Guerra peruano-equatoriana de 1941. O Peru assumiu o controle do território disputado.
1960	José María Velasco Ibarra, presidente equatoriano, propõe ao Congresso uma tese de nulidade do protocolo de 1942. Segundo Ibarra, o governo equatoriano assinou sob coação.
1981	Ocorre Guerra do Paquisha, quando o Exército peruano assumiu vigorosamente o controle de três destacamentos militares equatorianos na encosta leste da Cordilheira “del Cóndor”.
1994	Ocorre movimentação de tropas mobilizando-se nas proximidades da Cordilheira “del Cóndor”.
1995	Inicia-se a Guerra do Cenepa pelo controle da cabeceira daquele rio, em uma faixa de 78 quilômetros de território que ambos os países alegaram como seus próprios.

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Torres (2000); Mora (2008) e Ojeda (2018). Em destaque os anos que o desentendimento alcançou o campo bélico.

Esse histórico conflituoso entre as fronteiras do Equador com o Peru nos permite atentar para a situação geopolítica entre os contendores. O elemento histórico, segundo Costa (2010), terá relevância na análise, uma vez que

o que é determinante para a história dos Estados, segundo esse discurso, é a capacidade que eles demonstram em construir sua unidade nacional interna do ponto de vista da organização política do território, e de transformar esse dado em poder de Estado, a fim de projetá-lo na sua política externa (Costa, 2010, p. 22).



Percebe-se, junto à Tabela 01, que o Equador, antes de 1995, possuía um histórico desvantajoso em confrontos com o Peru. O que acarretou um sentimento de derrota ao povo equatoriano.

Segundo Barroso (2007) e Marcella (2020), mesmo que uma vitória limitada, o Cenepa foi a primeira vez que o Equador infringiu uma derrota militar ao Peru. Destaca-se que a população equatoriana representou manifestações de patriotismo e união durante os eventos destacados na Tabela 01, resultado do sentimento de vítima de usurpações de seu território desde 1830 e principalmente pelo antagonismo ante o Peru após as Guerras de 1941 e de 1983 (Barroso, 2007).

3.3 A condução da Guerra do Cenepa

O conflito Alto Cenepa remonta às imprecisões encontradas no Protocolo do Rio de Janeiro de 1942. A descrição da fronteira era caracterizada pelo divisor de águas na Cordilheira *del Cóndor*. Porém, um levantamento fotográfico verificou o Rio Cenepa cortando esse divisor. Em outras palavras, o que era entendido como um divisor de águas não o era em sua realidade. Daí, 78 Km – o vale do Rio Cenepa – geravam dúvidas nessa demarcação (Ojeda, 2018). A imprecisão não só deu continuidade a uma discussão, mas também serviu como novo combustível para os ressentimentos, principalmente pelos equatorianos.

Alguns indícios foram permitindo ao Equador perceber uma preparação de investida peruana para a fronteira contestada por ambos. O não licenciamento do efetivo variável do corrente ano, o aumento de movimentação de tropas na região, algumas conversas entre os militares homônimos de ambos os lados durante atividades corriqueiras e, até mesmo, a recusa do comandante do exército peruano em atender telefonemas do comandante conjunto das Forças Armadas equatorianas (Barroso, 2007).

Como resultado, o Equador, talvez por seus ressentimentos em perdas anteriores, realizou uma mobilização na área de operações, a fim de preparar as posições defensivas, o que marcou a diferença no desenvolvimento das operações ante a possível ofensiva peruana. O Equador impôs uma surpresa estratégica ao fortalecer o dispositivo de seus destacamentos ao longo da fronteira e a capacidade operacional de atuação, com liderança efetiva e resposta decisiva à posição política de enfrentar a guerra (Palmer, 1997).

Por outro lado, a inferioridade de poder militar equatoriano explica a diferença de vitórias em conflitos entre os contendores. Segundo Torres (2000), a relação de poder relativo de combate entre os dois países aproximava-se de três para um a favor do Peru, considerando todas as Forças Singulares – Marinha, Exército e Força Aérea. Isso quer dizer que, por exemplo, para cada unidade antiaérea



equatoriana, o Peru possuía três, no mínimo. Essa mesma proporção era observada para aeronaves, embarcações e outros materiais de emprego militar.

Dentro dos esforços equatorianos, coube reforçar a Brigada de Selva Nº 21 “Cóndor”, que já ocupava a região. O Batalhão de Selva Nº 63 “Gualaquiza”, orgânico da Brigada, formou com o Grupo de Forças Especiais Nº 26 o Grupamento Tático “General Miguel Iturralde” (Yépez, 2014). Percebe-se assim o investimento de capacidades militares especiais em uma unidade operacional com conhecimento da região.

Além disso, o Equador convocou nativos reservistas, formando uma unidade conhecida por IWIAS – os demônios de selva – composta por soldados locais das várias comunidades *Shuar* e *Ashuar*, que lhes permitiram adaptar-se rapidamente para operações militares naquele ambiente operacional específico (Iturralde *et al*, 2016).

O período anterior à guerra foi bem utilizado pelo equador, o reforço do 26º Grupo de Forças Especiais permitiu uma preparação mais específica da área como reconhecimentos e trabalhos de organização do terreno, desdobrando as tropas no terreno de forma progressiva e menos ostensiva possível (Yépez, 2014). Essa antecipação garantiu uma superioridade inicial, principalmente no que tange a preparação da defesa. Em que pese a iniciativa das ações terem ocorrido com ataques peruanos sobre os destacamentos do oponente, esses destacamentos foram bem-sucedidos em sua missão de defender.

No aspecto militar do terreno, a região tem duas cordilheiras: a *del Cóndor* e a *del Cutucu*. A primeira, mais alta, proporciona o controle das vias de aproximação e domina todo o vale do Rio Cenepa, enquanto a segunda divide o vale do Cenepa com o vale do Rio Santiago, proporcionando cobertura para aproximação de Norte para o Sul. Essas características permitem vantagens ao defensor sobre o atacante, particularmente pela canalização dos rios e trilhas existentes. Sendo assim, os meios aéreos confirmaram essencial relevância para ações militares nesse tipo de cenário.

Nesse escopo, o Equador conseguiu usar o terreno a seu favor com o Apoio de Fogo de lança-mísseis e antiaérea ajustados. O posicionamento das peças de artilharia nas elevações facilitou a precisão de seus fogos. Como resultado, destaca-se o abatimento de nove aeronaves peruanas (Palmer, 1997). Ademais, a malha viária do Equador possibilitou a aproximação de meios até Gualaquiza, e, a partir deste ponto, o transporte era aéreo por helicópteros, facilitando o ressuprimento logístico.

Ainda que a ação tática definida fosse defender, o exército equatoriano não renunciou da iniciativa, com ações para minar e desgastar a tropa atacante. Valendo-se de reconhecimentos anteriores e pessoal especializado, patrulhas que eram lançadas a frente, por muitas vezes, repeliavam



os ataques peruanos antes mesmo de atingirem os pontos fortes ocupados pelos equatorianos (Chiabra, 1998; Yépez, 2014).

O conhecimento de como explorar o ambiente de selva foi fator determinante na estratégia operacional empregada pelo Peru, pois a dificuldade do terreno influenciava a manobra e a estrutura organizacional dos meios utilizados, das técnicas e das táticas a serem empregadas, tornando complexa a condução das operações (Chiabra, 1998).

A condução do combate foi relativamente curta, corroborando com as características de guerras sul-americanas (Battaglino, 2012; Franchi *et al*, 2017). O primeiro enfrentamento entre patrulhas equatorianas e peruanas ocorreu em 11 de janeiro de 1995. O Peru aceitou assinar o Acordo de Paz proposto pelos fiadores em 17 de fevereiro do mesmo ano. Ou seja, foram pouco mais de 30 dias de embates. O Acordo estabeleceu que, a partir dessa data, as tropas do Equador e Peru ficariam sob supervisão dos observadores (Chiabra, 1998; Maya *et al*, 2022).

Na data de assinatura do acordo, o Equador possuía uma posição mais fortalecida, devido a condução da defesa militar do território. Portanto, durante o debate do cessar fogo e da manutenção do *status quo*, a ação militar realizada permitiu ao Equador uma posição diplomática mais confortável. Os países garantidores do Protocolo do Rio de Janeiro – Estados Unidos, Brasil, Argentina e Chile – impuseram um cessar fogo e estabeleceram a presença de observadores para assegurar o fim das hostilidades.

Segundo Gallardo (1995), nesse momento o Equador recuperou a dignidade e o orgulho nacional perdido desde 1941. O Acordo de paz definitivo veio em 1998, quando Peru e Equador assinaram a *Acta de Brasília*, colocando um fim ao conflito. Vale ressaltar que esse acordo, ainda em vigor, é a manutenção do que fora mantido ao cessar fogo, resultando, por conseguinte, na consecução do objetivo político equatoriano de não perder mais território.

4 Discussão dos resultados apresentados

4.1 A Guerra do Cenepa sob a Teoria da Guerra

De início, a guerra entre Equador e Peru pela demarcação das fronteiras no Alto Cenepa corroboram o pensamento de Clausewitz de que a guerra é a continuidade da política, utilizando-se de meios violentos. Conforme apresentado, suas diplomacias políticas foram insuficientes para alcançarem o objetivo de cada nação, resultando na guerra.

Nesse contexto, o objetivo político equatoriano foi alcançado de não ceder território, particularmente ao Peru. Percebe-se, nesse caso, a atuação militar convergente ao acordo político,



cuja posição confortável do Equador, devido às vitórias táticas no campo militar, resultou no alcance do objetivo político. Ainda que não seja possível mensurar o quanto isso impactou na aceitação do cessar fogo, não se pode descartar que, certamente, o Peru teve que considerar os insucessos militares sobre o território pretendido durante a negociação do acordo.

Além disso, a escolha de um modelo defensivo sem abnegar ações ofensivas por parte do exército equatoriano foi de grande valor para a condução do combate. Alinhado com as teorias de Clausewitz, o estudo de situação, somada à preparação detalhada do local, permitiram êxito perante os ataques de uma Força Armada militarmente superior. O êxito defensivo foi possível com as ações ativas sobre alvos militares pontuais – aviação e tropas de infantaria – demonstrando um centro de gravidade nos elementos que poderiam manobrar sobre as posições defensivas equatorianas.

Cabe ressaltar a vontade e sentimento da população, o anseio pela recuperação da soberania e do orgulho há tempos distantes com derrotas militares, particularmente contra o Peru. A vontade do povo fez surgir um anseio nacional, capaz de suportar um esforço de guerra. Coube ao governo, o qual ocupa a vertente da trindade da condução política, em interpretar o anseio popular e decidir sobre o prosseguimento da utilização do braço armado da nação. Essa responsabilidade cabe ao grupo dirigente, nesse caso o chefe do executivo equatoriano.

Com relação à terceira vertente da trindade, as forças armadas equatorianas conduziram o jogo do acaso e da probabilidade. Conforme apresentado, o poder relativo militar peruano antes do conflito se mostrava superior. No entanto, as Forças Armadas do Equador souberam aplicar as manobras táticas suficientes para manter suas posições defensivas, contribuindo para a atividade diplomática.

Dessa feita, identificam-se as vertentes apontadas pela trindade *clauswitziana* – o Governo, a população e as Forças Armadas do Equador – e suas interações ocorrendo equilibradas. A elite política entendendo o anseio do povo, esse sustentando a decisão governamental e militar de não ceder território e as Forças Armadas atendendo aos desejos dos outros atores.

Cabe ressaltar que o presente artigo não aprofundou nos movimentos táticos da condução da guerra. Como o objetivo era fundamentar uma teoria, os procedimentos aqui apresentados buscaram alcançar o nível estratégico e operacional do conflito.

Diante do exposto, pode-se inferir que a guerra do Cenepa fundamentou os pensamentos do general prussiano sobre os fins políticos alcançados pela belicosidade. Mais importante ainda foi o equilíbrio da trindade *clauswitziana*. O resultado do equilíbrio das vertentes da trindade traduziu-se no alcance de uma sinergia favorável ao resultado desejado. Ainda assim, a escolha equatoriana por ações pontuais sobre um centro de gravidade peruano que realmente faria a diferença num terreno inóspito, propiciou a estratégia montada de manter as posições já ocupadas.



4.2 Contribuições para as operações na selva

A última guerra sul-americana ocorreu em território amazônico e teve como pano de fundo a questão territorial. Para os estudos de Defesa do Brasil, esse conflito apresenta situações que não podem ser desprezadas. Ainda que não seja o objetivo primordial desse artigo, há de se verificar a importância desse conflito para as Ciências Militares no Brasil.

A estratégia de ocupação do terreno antes mesmo do conflito, a manutenção de tropas locais, utilização de reservistas experientes e realizações de exercícios no terreno representou várias respostas positivas para o Equador.

A ocupação militar facilitou a continuidade logística e o estudo do terreno, pois iniciou-se durante o tempo de paz ainda sem a pressão da guerra, aperfeiçoando-a para o período do conflito. Além do adestramento no aspecto militar, houve um incremento do contato com os moradores regionais locais. O habitante local aproximou-se do estado equatoriano, por meio de seus representantes militares, uma vinculação favorável aos objetivos do Equador.

No caso brasileiro, a estratégia da presença utiliza-se dos Pelotões Especiais de Fronteira (PEF), que em sua maioria das vezes é a presença do Estado e assumem papel relevante contra agressões estrangeiras (Moraes, 2021). Com as devidas proporções, principalmente em questão territorial, as mesmas contribuições dos destacamentos equatorianos na Guerra do Cenepa, assemelham-se às funções dos PEF no Brasil.

Percebe-se, ainda, que os fundamentos defensivos empregados pelo Equador estão presentes na doutrina militar brasileira para as operações na selva (Brasil, 2023). Ao longo dos 78 Km de fronteiras disputadas, o Equador possuía fixamente apenas 6 destacamentos, ocupados como pontos fortes em locais específicos, ou seja, a linha defensiva conforme um terreno convencional fora descartada, atentando para pontos cruciais que favoreciam uma defesa forte. Esses pontos fortes foram suficientes para deterem o avanço militar peruano, ainda que aquele país possuísse um maior poder relativo de combate.

5 Considerações Finais

O trabalho teve como objetivo apresentar o êxito equatoriano na Guerra do Cenepa sob a ótica dos fundamentos da Teoria da Guerra de Clausewitz. Em conclusão a esse estudo, verifica-se que a subordinação política da guerra, o equilíbrio da trindade e o conceito de centro de gravidade durante o conflito demonstram fundamentação teórica do militar prussiano.

Pode-se aferir, também, que as frações militares destacadas ao longo da fronteira amazônica ainda são um precioso recurso lançado pelo Exército Brasileiro diante de sua missão e concepção de



emprego. Ainda que essa estratégia se perdesse ao longo de séculos, de forma conservadora, mostrasse-se válida para os dias atuais.

Não foi objetivo deste artigo esgotar o debate sobre o assunto. A contribuição desse trabalho buscou aumentar o arcabouço de argumentos a fim de debater a Teoria da Guerra de Clausewitz. Inclusive, o trabalho deixa algumas provocações entreabertas sobre a referida Teoria, como a perspectiva do insucesso peruano e, ainda, as possíveis contribuições táticas para as operações na selva, como exemplos.

Por fim, diante do estudo da Guerra do Cenepa, pode-se concluir que os conceitos apresentados em “Da Guerra”, de Carl Von Clausewitz (1984[1832]) permanecem valorizados, promovendo e dando suporte aos estudos das Ciências Militares.



Referências

- BARROSO, Mauro. **Cenepa, a última guerra sul-americana**. (Rio de Janeiro: STAMPPA, 2007).
- BASSFORD, C. The Primacy of Policy and the “trinity” In: Clausewitz’s Mature Thought. In: STRACHAN, H. E. W.; HERBERG-ROTHER, A. (ed.). **Clausewitz in the Twenty-first Century**. New York, 2007. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Clausewitz-in-the-twenty-first-century-Heuser/47aaf1fb584d80a7570d93b4e1c7790feac87a40>. Acessado em: 04 jan. 2024.
- BATISTA JÚNIOR, Eliezer de Souza. PEREIRA, Dan Milli. MOITA, Sandro Teixeira. FRANCHI, Tássio. A trindade de Clausewitz na guerra da tríplice aliança. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 36, n. 78, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/chdem/Downloads/1221-Texto%20do%20artigo-2632-1-10-20221108-2.pdf>. Acessado em: 03 jan. 2024.
- BATTAGLINO, Jorge Mario. **The coexistence of peace and conflict in South America: toward a new conceptualization of types of peace**. In: Revista Brasileira de Política Internacional, v. 55, pp.131-151, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292012000200008. Acessado em: 07 de jan. 2024.
- BRASIL. Exército Brasileiro. **EB70-MC-10.210 Operações na Selva**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/11922/1/EB70-MC-10.210%20Opera%C3%A7%C3%B5es%20na%20Selva.pdf>. Acessado em: 04 jan. 2023.
- BRASIL. Exército Brasileiro. **EB70-MC-10.211 Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT)**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/6447/3/EB70-MC-10.211.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- CHIABRA, Roberto Enrique. **Cenepa**, Misión de Honor. Seijas del Castillo: Lima, 1998.
- CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. Traduzido por Michael Howard and Peter Paret. 2ª ed. Princeton: Princeton University Press, 1984 [1832]. Disponível em: https://www.academia.edu/13807240/Da_guerra_carl_von_clausewitz. Acesso em: 03 jan. 2024.
- COSTA. Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica**: Discursos sobre o Território e o Poder. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- DOMÍNGUEZ, Jorge I. **Conflictos Territoriales y Democracia**. 1ª. ed. -Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, Universidad de Belgrano, Flacso, 2003. Disponível em: <https://biblio.flacsoandes.edu.ec/libros/100430-opac>. Acesso em: 19 abr. 2022.
- FRANCHI, Tássio; MIGON, Eduardo Xavier Ferreira Glaser; VILLARREAL, Roberto Xavier Jiménez. Taxonomy of interstate conflicts: is South America a peaceful region?. **Brazilian Political Science Review**, v. 11, n. 2, 2017. Disponível em: <https://brazilianpoliticalsciencereview.org/article/taxonomy-of-interstate-conflicts-is-south-america-a-peaceful-region/>. Acessado em: 19 fev. 2023.
- GALLARDO, José. **La Defensa militar del Alto Cenepa**. El Conejo: Quito, 1995.
- ITURRALDE, Miguel. FRANCHI, Tássio. El conflicto del Cenepa: Los dividendos de la paz. **Military Review**. 2016. Disponível em: https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Spanish/MilitaryReview_20161231_art016SPA.pdf. Acesso em: 06 de janeiro de 2024.
- LIND, William S. THIELE, Gregory A. **4th Generation Warfare Handbook**. Castalia House, Kouvola, Finland, 2015. Disponível em: https://ia802901.us.archive.org/27/items/4thGenerationWarfareHandbookWilliamS.Lind28129/4th_Generation_Warfare_Handbook_-_William_S._Lind%25281%2529.pdf. Acessado em: 20 abr. 2024.
- MARCELLA, Gabriel. Guerra y paz en el Amazonas: Implicancias políticas del conflicto Ecuador-Peru, para los EEUU y América Latina. In CHÁVEZ, Armando. **El Perú y sus fronteras geopolíticas, tensiones territoriales y guerra con Ecuador**. Lima, 2000. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/00011609309c0d5de6350>. Acessado em: 05 de jan. 2024.
- MAYA, Miguel Fernando Iturralde. FRANCHI, Tássio. A historiografia entorno da última guerra na América do Sul: Cenepa 1995. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**. ano IV, v 12, n 36, 2022. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/781>. Acesso em: 04 jan. 2024.



MORA, Enrique Ayala. **Resumen de Historia del Ecuador**. Corporación Editora Nacional, 3ª ed. Quito, 2008. Disponível em: <https://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/836/1/AYALAE-CON0001-RESUMEN.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2024.

MORAES, Carlos Henrique Arantes de. HENRIQUES, Henrique de Queiroz. “A postura estratégica brasileira quanto aos assuntos de Defesa na fronteira amazônica”. **Revista Política Hoje**, n. 29 - 2, p. 190-211, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/politica/hoje/article/view/248723/38822>. Acesso em 04 jan. 2024.

MORAES, Carlos Henrique Arantes de. A Importância dos Pelotões Especiais de Fronteira na Região Amazônica Brasileira. **Revista Agulhas Negras**, v5, n 6, p. 101-112, 2021. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/aman/article/view/7750>. Acesso em: 05 jan. 2024.

NEIVA FILHO, Ivan Ferreira. Operações Baseadas em Efeitos. **PADECEME**, n. 20, p. 75-89, 2009. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/RMM/article/view/58>. Acesso em: 05 jan. 2024.

NOGUEIRA, João Pontes; HERZ, Mônica. O Processo de Mediação do Conflito entre o Peru e o Equador, in: **XXV Encontro da ANPOCS**. Seminário Temático: A Inserção Internacional do Brasil: Balanço dos Anos 90 e Perspectivas Futuras. Caxambu, 2001.

NÚÑEZ, Joseph R. A 21st century security architecture for the americas: multilateral cooperation, liberal peace and soft power. **Foreign Affairs**, 2002. [online]. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/reviews/capsule-review/2003-01-01/21st-century-security-architecture-americas-multilateral>. Acessado em: 08 jan. 2024.

OJEDA, Cristian Daniel Valdivieso. O conflito entre o Equador e Peru: repensando o conceito de velhas guerras a partir do sul global. **Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v.3, n.2, p 135-152, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revista/article/view/e5120>. Acesso em: 05 jan. 2024.

PADULA, Raphael; CECÍLIO, Matheus de Freitas; OLIVEIRA, Igor Cândido de; PRADO, Caio Jorge. Guyana: Oil, Internal Disputes, the USA and Venezuela. **Contexto Internacional**, vol 45, n 1, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cint/a/vTqm4rBBDg6WRMt3NyLyKtF/abstract/?format=html&lang=pt#>. Acessado em: 07 Jan. 2024..

PALMER, David Scott. Peru-Ecuador Border Conflict: Missed Opportunities, Misplaced Nationalism, and Multilateral Peacekeeping. **Journal of Interamerican Studies and World Affairs**, v. 39, n 3), p. 109–148, 1997. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1548-2456.1997.tb00041.x>. Acesso em: 05 jan. 2024.

SCHUURMAN, Bart. Clausewitz e os Estudiosos da “Nova Guerra”. In: Estados Unidos da América. Departamento de Defesa. Centro de Armas Combinadas. **Military Review**, 2011. Disponível em: https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20111031_art009POR.pdf. Acesso em: 07 jan. 2024.

SUMIDA, Jon Tetsuro. **Decoding Clausewitz: A New Approach to On War**. Lawrence: University of Kansas Press, 2008.

TORRES, Findel. **Tiwintza: El fin de un conflicto**. Quito: Abya-Yala. 2000. Disponível em: https://digitalrepository.unm.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1431&context=abya_yala. Acesso em: 05 jan. 2024.

VALENCIA, Luis. Antecedentes históricos del problema limítrofe. In: JIMÉNEZ, Gloria. **Ecuador y Perú: Futuro de paz?**. Quito: La Bunga, 1993.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

YÉPEZ, Cristóbal G. Espinoza. **Apuntes de un Conflicto, Cenepa 1995**. Quito: Centro de Estudios Históricos del Ejército de Ecuador (CEHE). v. 32. 2014. Disponível em: <https://cehist.mil.ec/images/2021/32.pdf>. Acesso em 05 jan. 2024.